



**UEPB**

Universidade  
Estadual da Paraíba

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

**DYANNA LÚCIA NASCIMENTO OLIVEIRA**

**ASPECTOS DA PERSONAGEM CONTEMPORÂNEA NO ROMANCE *JULHO É UM BOM MÊS PARA MORRER*, DE ROBERTO MENEZES DA SILVA**

CAMPINA GRANDE – PB  
2018

**ASPECTOS DA PERSONAGEM CONTEMPORÂNEA NO ROMANCE JULHO É  
UM BOM MÊS PARA MORRER, DE ROBERTO MENEZES DA SILVA**

**DYANNA LÚCIA NASCIMENTO OLIVEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Banca Examinadora da Universidade Estadual da Paraíba, como parte das exigências para a obtenção do título de Graduação em Licenciatura em Letras Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves

CAMPINA GRANDE – PB  
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48a Oliveira, Dyanna Lucia Nascimento.  
Aspectos da personagem contemporânea no romance Julho é um bom mês pra morrer, de Roberto Menezes da Silva [manuscrito] : / Dyanna Lucia Nascimento Oliveira. - 2018.  
22 p. : il. colorido.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.  
"Orientação : Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza, Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."  
  
1. Análise literária. 2. Memória. 3. Narrativa contemporânea. 4. Personagem contemporânea.  
  
21. ed. CDD 801.95

**ASPECTOS DA PERSONAGEM CONTEMPORÂNEA NO ROMANCE JULHO  
É UM BOM MÊS PRA MORRER, DE ROBERTO MENEZES DA SILVA**

**DYANNA LÚCIA NASCIMENTO OLIVEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado à Banca Examinadora da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
parte das exigências para a obtenção do  
título de Graduação em Licenciatura em  
Letras Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Lúcia  
Maria de Souza Neves

Aprovada em 14 / 06 / 2018  
Nota: 9,0 (nove)

Ana Lúcia Maria de Souza Neves. 9,0  
Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves - UEPB  
Orientadora

Kalina Naro Guimarães 9,0  
Prof<sup>ª</sup>. Dra. Kalina Naro Guimarães  
Examinadora

Marcelle Ventura Carvalho 9,0  
Prof<sup>ª</sup>. Me. Marcelle Ventura de Carvalho.  
Examinadora

Dedico esse trabalho aos meus pais, que sempre lutaram para que eu tivesse uma boa educação, disciplina e perseverança. Pai e mãe, vocês me ensinaram tudo que há de bom nesse mundo e se eu cheguei até aqui, é graças a vocês. Vejo com muito carinho como meus pais participaram ativamente de todos os detalhes da minha vida, inclusive nesse momento, apesar das dificuldades.

## AGRADECIMENTOS

A Deus que me deu forças físicas e emocionais para realizar esse trabalho.

À minha mãe que me ensinou através de sua resistência e força de vontade, a ser forte e não desistir facilmente.

Ao meu pai que sempre se esforçou para que eu tivesse uma boa educação e conseguisse chegar até aqui.

Aos meus avós, irmãos, tios (as), a todos os meus parentes que sempre me ajudaram com palavras de ânimo.

À professora Dra. Ana Lúcia por ter me orientado e por ser sempre muito paciente, cuidadosa e amiga.

A todos os meus colegas que me incentivaram a não desistir.

A todos os professores que tão brilhantemente ministraram este curso, trazendo para nós informações novas e importantes para a nossa profissão, ajudando-nos a sermos mais críticos e participativos em um mundo globalizado.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA CONTEMPORÂNEA.....</b>	<b>8</b>
<b>2.1 A retomada da carta na literatura contemporânea: um caminho para a escrita de si.....</b>	<b>11</b>
<b>2.2 Características apresentadas pelas personagens na narrativa contemporânea: solidão, angústia, insanidade.....</b>	<b>15</b>
<b>3. (RE) INVENÇÃO DE SI E DO OUTRO: MEMÓRIAS, ESCRITA DE SI E CRISE DE IDENTIDADE EM JULHO É UM BOM MÊS PARA MORRER.....</b>	<b>17</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>20</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>21</b>

## RESUMO

A pesquisa objetivou analisar o romance *Julho é um bom mês pra morrer* (2015), de Roberto Menezes da Silva. Pretendemos discutir com base no relato de memórias realizado pela personagem-narradora o processo de (re) invenção de si e do outro, necessário para a construção identitária da personagem. O estudo parte da questão: quais os aspectos estéticos e temáticos presentes na narrativa de Laura, escrita em completo delírio e direcionada a princípio para a mãe, Lucy, que a abandonou ainda pequena, (re)velam características da personagem romanesca contemporânea? Com base em HALL (2006), BAUMAN (2005), CULLER (1999), DALCASTAGNÈ (2001, 2008, 2011), PELLEGRINI (1999), SCHOLLHAMMER (2009), dentre outros estudiosos, tratamos sobre as características da narrativa contemporânea, focalizando na figura da personagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Julho é um bom mês para morrer. Roberto Menezes da Silva. Personagem contemporânea.

## 1- INTRODUÇÃO

Roberto Menezes da Silva, nascido no ano de 1978 em Olinda (PE), veio morar na Paraíba, especificamente em Santa Rita, ainda muito jovem com sua família, em busca de melhoria de vida.

Possui graduação e pós-graduação em Física pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal da Paraíba onde desenvolve projetos com ênfase em Teoria Geral de Partículas e Campos, atuando principalmente nos seguintes temas: dualidade, calibre, kalb-ramond, imersão de calibre e massive.

Desde cedo o autor se sentia atraído pelos cálculos e se tornou Doutor em Física pela Universidade Federal da Paraíba. Ao analisarmos a biografia do autor, encontramos, paralela a sua atividade de físico, um apaixonado por literatura, tanto que esse gosto não ficou apenas na apreciação de obras canônicas: Roberto Menezes se tornou um excelente escritor de contos e romances. Faz parte do Clube do Conto da Paraíba<sup>1</sup> e é membro fundador do núcleo literário Caixa Baixa e da FLIPOBRE.

Ao todo, o autor produziu cinco livros, sendo quatro romances e um livro de contos: *Pirilampos Cegos* (2007), *O Gosto Amargo de Qualquer Coisa* (2009/10), premiados e editados pelo concurso Novos Escritos da FUNJOPE, em João Pessoa, possui poemas em prosa de natureza intertextual publicados em *Despoemas* (2011) e *Contos de Sábado*, uma antologia que reúne narrativas produzidas no Clube do Conto. O escritor venceu o Prêmio

---

<sup>1</sup> Organização composta por escritores paraibanos ou radicados no Estado, surgida em 2004.



José Lins do Rego, da Fundação Funesc do Governo do Estado da Paraíba, onde publicou os romances: *Palavras que devoram lágrimas* (2013) e *Julho é um bom mês pra morrer* (2015). Como objeto de estudo, selecionamos o romance: *Julho é um bom mês pra morrer* (2015).

Atentar para as riquezas regionais encontradas na nossa literatura é bastante relevante, pois possuímos um vasto e rico acervo dessa literatura. Por isso, a universidade nos oferece disciplinas voltadas para esta temática regional, permitindo que nós, professores, tenhamos conhecimento desse tipo de texto e possamos disseminá-los na sala de aula quebrando a tradição que privilegia a literatura cânone do sudeste. A literatura paraibana contemporânea está sendo contemplada em várias disciplinas do nosso curso de Letras. Além da valorização do cânone regional, é preciso valorizar os autores vivos que estão modificando os paradigmas da literatura nacional e inovando com temáticas que alcançam todos os grupos sociais.

Os documentos oficiais sobre ensino de literatura, como as Organizações Curriculares para o estado da Paraíba e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), recomendam o estudo dos autores regionais, visto que esses documentos apresentam que é função da escola proporcionar momentos em que os alunos possam se apropriar de conteúdos sociais e culturais de maneira crítica e construtiva:

É fundamental que a escola assuma a valorização da cultura de seu próprio grupo e, ao mesmo tempo, busque ultrapassar seus limites, propiciando às crianças e aos jovens pertencentes aos diferentes grupos sociais o acesso ao saber, tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional como no que faz parte do patrimônio universal da humanidade.  
(Parâmetros Curriculares Nacionais, p.43,44.).

A importância desta pesquisa dá-se a partir da busca pela valorização da literatura regional e contemporânea, visto que além de ser um conteúdo proposto pelo PCN, a literatura nordestina apresenta toda nossa riqueza regional, costumes, variações linguísticas, etc. Outro aspecto relevante na nossa pesquisa é mostrar a importância de conhecer os autores vivos e valorizá-los como pessoas que mantêm a nossa literatura viva, quebrando o paradigma de que apenas os cânones acrescentam nos estudos literários.

Neste sentido, pretendemos com o estudo da obra *Julho é um bom mês pra morrer* (2015), de Roberto Menezes da Silva, discutir com base no relato de memórias realizado pela personagem-narradora o processo de (re) invenção de si e do outro, necessário para a construção identitária da personagem. A análise parte da seguinte questão: quais os aspectos

estéticos e temáticos presentes na narrativa da personagem-narradora Laura, escrita em completo delírio e direcionada a princípio para a mãe, Lucy, que a abandonou ainda pequena, (re)velam características da personagem romanesca contemporânea?

O estudo foi desenvolvido com base em uma pesquisa de cunho bibliográfico centrada na análise do romance selecionado como corpus de estudo através de uma perspectiva que leva em consideração não apenas os aspectos iminentes da obra, mas aspectos relacionados ao contexto histórico-cultural da produção.

O trabalho está dividido em 2 capítulos. No primeiro capítulo apresentamos uma breve discussão acerca da literatura contemporânea, buscando situar o significado da expressão “literatura contemporânea” bem como problematizar “a lógica binária da exclusão e da inclusão de autores e textos de um elenco já canônico”(Ramos, 2002) e ainda analisar a partir da obra de Roberto Meneses os novos condicionamentos formais (linguísticos, temáticos, estruturais) e a “novas” formas de representação presentes na ficção atual, focalizando a presença da carta na narrativa ficcional da atualidade e na representação da personagem.

No segundo capítulo investigamos acerca das memórias e da crise de identidade da personagem em *Julho é um bom mês para morrer*. Para tanto, neste capítulo, realizamos também uma revisão teórica relacionada às concepções de memória e identidade.

## **2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA CONTEMPORÂNEA**

A busca da representação das minorias na literatura vem sendo almejada por muitos escritores há décadas. Muitos lutaram por visibilidade no mundo literário, mas foi a partir do Modernismo que algumas minorias, como a mulher, alcançaram este lugar. Como afirma Elódia Xavier (2012):

O século XX foi marcado por duas grandes guerras que abalaram o mundo, provocando turbulências culturais como as Vanguardas Europeias. Nosso Modernismo, inaugurado com a Semana de Arte Moderna (1922), mudou, substancialmente, o perfil das nossas artes. A literatura de autoria feminina se inspirou no movimento feminista, que aportou por aqui em meados do século, abrindo espaço para a presença feminina na nossa literatura. (XAVIER, 2012, p. 31).

Consideramos como literatura contemporânea o que começou a ser praticado no final do século XX e que se perpetua até os dias de hoje, marcada pela multiplicidade de tendências inovadoras. Muitas de suas características ainda podem ser relacionadas ao movimento

modernista, como a suspensão dos valores tradicionais estéticos e conteudistas, e outras se distanciam do Modernismo.

Karl Erik Schollhammer (2009), em seu livro de *Ficção brasileira contemporânea* afirma que “o contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo”. Dessa forma, a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a sociedade de seu tempo, mas sim aquela que se inquieta diante da atualidade, percebe as zonas marginais e se compromete com um presente do qual não é possível coincidir.

Na década de 70, a literatura voltava-se aos problemas enfrentados pelo país, como a ditadura militar, denunciando-os e mostrando a situação de medo em que a sociedade se encontrava. Um sentimento de liberdade e nacionalismo tomava conta das pessoas nesta época. A prosa urbana vai ser cada vez mais explorada, mostrando os problemas acarretados pelo progresso e um ser humano cada vez mais solitário, marginalizado e vítima de um mundo violento, que se fecha e enfrenta também a si mesmo.

A linguagem vai tender cada vez mais à concisão e à fragmentação, rompendo muitas vezes com a linearidade temporal e espacial, tentando descrever o fluxo do pensamento e mostrando a rapidez e o absurdo da modernidade. A prosa de cunho político vai também se impor com grande força, tendo como objetivo retratar a violência e a repressão política que assolaram o país desde 64, ou denunciando de um modo satírico e irônico a corrupção e a desigualdade social que assolam o homem.

A Literatura contemporânea agrega um conjunto de características de diversas escolas literárias anteriores, revelando uma multiplicidade de tendências que inovam tanto a poesia quanto a prosa (contos, romances poemas, novelas, etc.) desse período. Muitas características do Modernismo perpetuam até hoje nas produções.

Uma literatura urbanizada que trata de assuntos gerais como: violência, política, controle da mídia, etc. A sua característica irreverente permite uma criação de múltiplas formas à literatura, tanto para a ficção quanto para outros gêneros. Como afirma Beatriz Resende:

É nessa obliquidade dos discursos anti-hegemônicos que aparecem recursos que dão formas múltiplas à criação literária contemporânea: a apropriação irônica, debochada mesmo, em alguns casos, de ícones de consumo; a irreverência diante do politicamente correto; a violência explícita despida de charme hollywoodiano; a memória individual traumatizada, seja por momentos anteriores da vida nacional, seja pela particular; a arrogância de

uma juventude excessiva; a maturidade altamente intelectualizada; a escrita saída da experiência acadêmica e assim por diante. (RESENDE, 2008, p. 20).

Estas releituras de formas tradicionais e a criação de “novas” formas permitem à literatura contemporânea ampliar as suas características, fazendo com que essa literatura chegue a mais leitores e a um público mais diversificado. Essa multiplicidade é um fator que contribui para a inclusão de vozes silenciadas tradicionalmente na literatura nacional: mulheres, negros, homossexuais, dentre outros.

A multiplicidade literária abre espaço para essa nova maneira de se fazer literatura, marcada por inter-relações com o cinema, os blogs, os sites, as revistas e tantos outros textos e suportes. Uma ficção importante aliada a uma produção literária resistente faz a literatura viver um de seus grandes momentos: jovens escritores que encontraram espaço para suas produções, sem permitir que essa literatura atual seja minimizada em relação aos cânones. Uma nova literatura que se preocupa com a necessidade de inclusão de todos os indivíduos e suas culturas, como autores e como leitores.

Outro ponto importante a ressaltar é a descentralização da produção literária: até muito recentemente essa produção era predominante no Rio de Janeiro e São Paulo, mas hoje a visibilidade dessas produções vêm sendo diversificada para outros estados como os da região Nordeste, que possuem um vasto número de autores consagrados como Jorge Amado, Aluísio de Azevedo, Ferreira Gullar, entre tantos outros, e mais especificamente na Paraíba temos notáveis autores como Augusto dos Anjos, José Américo de Almeida, José Lins do Rego, trazendo na contemporaneidade temos excelentes autores vivos como Bráulio Tavares, Cristhiano Motta Aguiar, Marília Arnaud, Roberto Menezes, Marilene Felinto (pernambucana), e tantos outros Nordestinos que enriquecem ainda mais a nossa literatura.

De acordo com Resende (2008), a preocupação com essa inclusão da diversidade não é apenas um “modismo acadêmico, mas algo com importância política”, pois a literatura pode ser um espaço de manifestação contra preconceitos de todos os âmbitos. Sabemos que as mulheres, os negros e os pobres são parcelas marginalizadas e pouco valorizadas na literatura, mas a contemporaneidade vem trazendo à tona essa diversidade e inserindo os que antes eram figuras marginais de uma maneira muito rica.

A mulher, como personagem principal, narradora de sua própria história, nos mostra um avanço quanto à ideia da supremacia de personagens masculinos. Segundo Beatriz Resende (2008), as personagens femininas são minoria nos romances brasileiros e quando são

encontradas, na maioria das vezes, as autoras são mulheres. Escolhemos para nossa pesquisa aqui apresentada uma obra que difere dessa tradição, já que *Julho é um bom mês pra morrer* é uma obra de autoria masculina, mas que apresenta uma personagem feminina narradora de sua própria história.

## **2.1 A RETOMADA DA CARTA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA: UM CAMINHO PARA A ESCRITA DE SI**

A carta é um gênero que está presente na literatura desde os primórdios, segundo Foucault (2006: p.149-159) “é algo mais do que um adestramento de si próprio pela escrita, por intermédio dos conselhos e opiniões que se dão ao outro”, porque “ela constitui também uma certa maneira de cada um manifestar a si próprio e aos outros”. Afirma ainda que a carta “faz o escritor “presente” àquele a quem a dirige”, porque escrever é “mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro”, ela é, por isso, “simultaneamente um olhar que se volta para o destinatário e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz”. Por meio dela, “abrimo-nos ao olhar dos outros e instalamos o nosso correspondente no lugar do deus interior”. Seguindo tal raciocínio, Foucault explica que o trabalho que a carta opera sobre o destinatário, que também é efetuado sobre o escritor pela própria carta que envia, implica uma “introspecção” entendida como “uma abertura de si que se dá ao outro”. Esse tipo de abertura permite, conforme Foucault (2006, p. 152), a “constituição de uma narrativa de si” que é “a narrativa da relação de si” porque se evidenciam dois elementos que vão se tornando objetos privilegiados da relação de si, ou seja, o corpo e os dias.

Em relação ao corpo, esse é um tema recorrente nas cartas. Ele vai desde a descrição “detalhada das sensações corpóreas, das impressões de mal-estar, das diversas perturbações que se terão podido experimentar”, até conselhos que consideramos úteis ao correspondente assim como lembranças “de efeitos do corpo sobre a alma” e os respectivos resultados de um sobre o outro e vice-versa ou ainda a reprodução de “movimento que leva de uma impressão subjetiva a um exercício de pensamento”. No que se refere ao dia como objeto da narração de si, é possível, pela carta, apresentar-se ao correspondente relatando seu cotidiano, pois faz parte da prática epistolar “dar conta de cada um dos seus dias, hora por hora”, passando em revista seu dia, numa espécie de “exame de consciência”, aludido por Sêneca no

início da carta 83, destinada a Lucílio. (FOUCAULT, 2006, p. 132). Essa narrativa epistolar de si próprio que propicia a coincidência do olhar do outro e daquele que se volve para si próprio serve simultaneamente para um e para o outro, independente do objetivo da carta: “são préstimos recíprocos, quem ensina instrui-se” (FOUCAULT, 2006, p. 147).

Além desse estudo de Foucault sobre a “Escrita de si”, no item “Correspondência”, a partir das cartas de Sêneca para Lucílio, pode-se adentrar no estudo do gênero epistolar contando ainda com o apoio teórico do pesquisador Marcos Antonio de Moraes (2008, p. 8) que recupera a crônica “A quem pertence uma carta” do livro *Pour l’autobiographie* (1998), Philippe Lejeune, destacando como este último desvela “a complexa natureza das mensagens epistolares: a carta, por definição, é uma partilha. Tem diversas faces: é um objeto (que se troca), um ato (que coloca em cena o ‘eu’, o ‘ele’ e os outros), um texto (que se pode publicar...)”, explica Moraes (2008, p. 8-9), ressaltando que “cada uma dessas perspectivas (carta/objeto; carta/ato; carta/texto) orbita uma constelação de assuntos, significados e indagações”. Para Moraes, a carta, vista como objeto cultural, “nos remete ao suporte e a seus significados, assim como à história das condições materiais da troca epistolar, prestando-se também à transfiguração artística, a fetiches e à exploração econômica”. Enquanto ato, afirma Moraes (2008, p. 8), “a carta, no campo semântico da representação teatral, coloca “personagens” em “cena”, pois o “remetente assume “papéis”, ajusta “máscaras” em seu rosto, reinventando-se diante de seus destinatários como objetivos afetivos ou práticos definidos”. Enquanto texto, segundo Moraes, validado assim pela retórica e pelos estudos linguísticos/filológicos, a carta/texto.

... atrai também os olhares das mais diversas áreas do conhecimento, da história à psicologia (e psicanálise), da sociologia e filosofia às artes em geral, das ciências exatas às biológicas, olhares que desejam captar testemunhos e ideologias, fundamentos artísticos e científicos, experiências vividas ou imaginadas. Os estudos culturais privilegiam essa voz da intimidade, atravessada por ideologias. Na teoria e nos estudos literários, a carta/texto tanto pode ser “material auxiliar”, ajudando a compreender melhor a obra e a vida literária, quanto escrita que valoriza a função estética/poética; ou, ainda, “texto literário” nas paragens do romance epistolar (MORAES, 2008, p. 8-9).

No romance *Julho é um bom mês para morrer*, a protagonista Laura utiliza esse meio como um refúgio para suas angústias, uma forma de expressar o que há em seu íntimo. É nesse sentido que a estética da sedução, percebida tanto como busca de si quanto como conquista do outro, está presente na obra em questão. As confissões feitas por Laura

desvendam situações e relações familiares vividas por ela. Tal uso da carta lembra-nos o estudo de Walnice Galvão e Nadia Gotlib, que destacam:

A carta é por excelência o lugar dessa retórica do desvio, em que a literatura finge desaparecer atrás de uma voz gerando um sujeito, em que se trata de seduzir, deixando acreditar que quem escreve poderia estar se esquecendo de si mesmo e se voltando todo para o outro. (2000, p. 99).

No romance aqui mencionado, percebemos que a protagonista escreve sua carta direcionada a mãe, “Oi, Lucy. E ai, como você vai? Por aqui, pra não sair da mesmice, vai nada bem, eu de novo tentando escrever pra você”. (p.7). Este gênero obedece de maneira subentendida Aos padrões de persuasão e sinceridade, sem a intenção de uma manifestação pública. Laura, a filha abandonada pela mãe, não se sente parte da família, e como Galvão e Gotlib (2000) afirmam, “não estamos mais no século passado, mas a depressão e as crises psicológicas de muitas mulheres certamente não são atenuadas pelas pressões da sociedade industrial, na qual continuam a ser conflitivos os múltiplos papéis da mulher”, mas o grande causador do seu desequilíbrio emocional é o seio familiar, lugar que geralmente é onde se encontra refúgio, a este respeito, diz Laura: “Eu não suportava a ideia de um dia permanecer presa às obrigações. Varrer, lavar, cozinhar, rezar... um infinito de infinitos caseiros, um entra e sai infinito de dias”. (p.9)

Ao analisar o romance, percebemos que Laura não se reconhece como uma mulher doméstica, porém escreve muitas páginas da carta destinada à sua mãe Lucy, sobre sua avó Dona Noêmia, “É, mesmo com medo de falar, é mais penetrante essa necessidade de escrever centenas de páginas só com voíinha” (MENEZES, 2015, p.10). Percebemos a introspecção da personagem protagonista ao revelar seus dilemas em relação a espelhar-se ou não na sua avó: “Nunca quis ser igual a minha avó. Até que teve um dia, não hoje, já faz tempo; quando vi todas as minhas expectativas se corromperem, quis ser ela, Dona Noêmia, minha voíinha.” (MENEZES, 2015, p. 8) Laura, apesar da admiração que sentia por sua avó “abominava” alguns valores que a mesma conservava “uma viúva de vida encerrada, sem prazeres nem planos.” (MENEZES: 2015, p. 9) Ou seja, a protagonista não deseja uma vida de mesmices e obrigações típicas de uma matriarca tradicional. No geral, a carta é entremeada por outros endereçamentos, todos eles direcionados para mulheres que também a deixaram. Além de Lucy e voíinha, temos clamores direcionados à Teresa, Maria e Lara.

Retomando Moraes (2009), percebemos, então, que a carta de Laura é este ato que coloca em cena o eu, o ele, os outros e Laura busca continuamente através dessa escrita um

“colo” um sentido para a sua vida que, provavelmente, se mostra um caos em decorrência da ausência ou negligência das mulheres que deveriam tê-la educado. A partir de seus relatos Laura descreve as brechas deixadas por essas perdas, lembrando como se estivesse mergulhado no inferno.

Como afirma Diana Klinger, ao discutir as relações entre estética e literatura, a partir dos pressupostos deleuzianos: “É esse movimento da literatura: sair, retornar. Sair da casa, da linguagem, da estrutura, da comunidade, do conforto, do lar. Sair, retornar e fazer desvios. Desertar” (KLINGER, 2014, p. 188). Margareth Rago, também compartilha dessa concepção:

(...) a escrita de si, não se trata de um dobrar-se sobre o eu objetivado, afirmando a própria identidade a partir de uma autoridade exterior. Trata-se, antes, de um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita, em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro do que se é, escapando às formas biopolíticas de produção do indivíduo. Assim, o eu de que se trata não é uma entidade isolada, mas um campo aberto de forças; entre o eu e o seu contexto não há propriamente diferença, mas continuidade (RAGO, 2013, p. 52).

Dessa forma, vemos a literatura como um campo de forças que interfere e também sofre interferências do seu contexto. É necessário que a literatura esteja de fato, em sintonia com os dramas contemporâneos: “(...) a literatura não é uma compensação ao mal do mundo; pelo contrário, está imersa nele, é contígua a ele, faz parte desse mesmo mal.” (KLINGER, 2014, p. 133).

Segundo Rodrigues (2016), “estes fatos estão em total sintonia com o que esperam os leitores do século em curso: menos ficção e mais verdades ditas em linguagem ficcional.” Dentro do romance epistolar, a personagem expõe sua interioridade de forma a diminuir a distância entre o escrito e o “vivido”. Brait (1985) acrescenta que:

(...) assim como nas memórias, o aparente monólogo narrativo tem, diferentemente do diário, um receptor em mira, ainda que esse destinatário não esteja implicado nos acontecimentos. Por meio desse recurso, a caracterização da personagem num tempo passado que é recuperado pela narrativa funciona como uma maneira sutil, um pretexto para mostrar o presente e as nuances da interioridade. (1985: p.62)

Dessa maneira, Laura ao escrever para sua mãe, expõe seu íntimo, e acaba mostrando mais sobre seu próprio interior do que sobre todos a sua volta. Mostra a necessidade de falar mais de si, de se fazer entender, reconhecer a sua própria identidade, o seu lugar no mundo.



## 2.2 CARACTERÍSTICAS APRESENTADAS PELAS PERSONAGENS NA NARRATIVA CONTEMPORÂNEA: SOLIDÃO, ANGUSTIA, INSANIDADE

Conforme destaca Regina Dalcastagnè, a personagem das narrativas contemporâneas caracterizam-se pela incerteza, pelo sofrimento e pela loucura:

[...] num lugar qualquer de La Mancha, num tempo não muito definido, um fidalgo que não se sabe se tinha por nome Quijada, Quesada ou Quijana perdia o juízo, acreditando ser verdade o que diziam os livros de cavalaria. Ao partir em busca de aventuras e perigos, sonhando com a doce Dulcinéia, ele já se imaginava dentro de um texto futuro, que lhe exaltaria a coragem narrando suas façanhas. Jamais poderia imaginar, o pobre louco, que quase 400 anos depois continuaria, de algum modo, circulando entre os homens. Não como o herói de um livro de cavalaria – o que nunca foi –, mas como personagem dos tempos modernos. É que o cavaleiro da triste figura, no seu desconcerto, combina mais conosco do que aqueles heróis infalíveis que ele tanto admirava e de quem ninguém mais se lembra, por enfadonhos. Os protagonistas dos romances brasileiros contemporâneos são herdeiros de seus malogros, de sua insanidade. Entendem mais da frustração diante dos moinhos de vento do que da euforia das grandes batalhas. Degradaram-se, nos termos de Lukács, e seguiram caminho, esmagando sob seus pés qualquer pretensão de glória. Não há espaço para heróis na narrativa contemporânea, nem para gestos magnânimos ou palavras eloqüentes. DALCASTAGNÈ (2001, p.114)

Entendemos assim, que as personagens contemporâneas buscando expressar suas frustrações recorrem a relatos sobre si através de monólogos interiores, fluxos de consciência e diálogos e, a partir desses recursos, conquistam espaço nas narrativas. Laura, a protagonista em questão, como tantas outras, expõe como sente o mundo, como se situa dentro de sua realidade cotidiana. A protagonista evidencia suas inquietações e “loucura”, entrelaçando a sua condição, o seu sofrimento a de outras mulheres da sua família: “E quem quiser pode me chamar assim, Laura louca, filha de Lucy louca, neta de... Qual o nome de sua mãe, Lucy? Lembrei. Laura louca, filha de Lucy louca, neta de Sylvia louca”. (MENEZES 2015: p.37).

A leitura do romance (re)vela-nos que a insanidade presente na personagem é algo advindo das relações familiares conflituosas que Laura vivenciou, a família caracterizada pela ausência, afundada em seus cotidianos fragmentados, solitários, sem aconchego ou conselhos que são coisas que deveriam ser intrínsecas da família dita “tradicional”, esperada pela sociedade. Vemos na obra de Roberto Menezes o contrário disso, uma infância, adolescência e juventude mergulhadas na falta: “Sou uma pirralha revoltada, sem mãe, a senhora até que poderia... não, deixa pra lá, é feio ficar deitando no colo de senhoras alheias”. (MENEZES 2015: p.39).

Desse modo, como afirma Jonathan Culler (1999, p. 108), em seu livro *Teoria literária: uma introdução a psicanálise*, “a psicanálise trata o sujeito não como uma essência singular, mas como produto de mecanismo psíquicos, sexuais e linguísticos que se entrecruzam”.

A literatura narrativa seguiu os destinos das personagens à medida que eles se definem e são definidas por diversas combinações de seu passado, pelas escolhas que fazem e pelas forças sociais que agem sobre elas. Além da loucura, a solidão é um mal que está presente na contemporaneidade. De acordo com Araújo (2009):

A questão da solidão é um dos maiores fardos do homem moderno. Cada ser humano já descobriu por si mesmo que apesar de todas as dificuldades presentes, necessita se relacionar com seu meio, e caso não o faça, deverá arcar com determinadas consequências. Talvez a mais cruel de todas elas seja o fato da solidão forçar o indivíduo a uma autoavaliação emocional e afetiva e quase sempre a nota subjetiva é muito baixa. (ARAÚJO, 2009, p.4.).

A afirmação acima nos sugere que a partir do estado de solidão o sujeito faz um questionamento, uma avaliação sobre o motivo de estar sozinho. Nesse sentido, aparecem as angústias, frustrações e a culpa. Ele pode muitas vezes, pensar que não é capaz de agradar o outro e por essa razão está solitário. Percebemos este estado de solidão na protagonista:

Eu não ia abrir a boca se um dia voínha apontasse minhas falhas. Apresentasse num dia qualquer que eu visitasse ela um relatório detalhado dos meus atos defeituosos. Seria bom que me batesse na cara, me chamasse de burra, Laura otária. Acho que mesmo abominando ela como eu abominava, eu daria ouvidos, seria toda ouvidos. Só agora, depois que o castelo ruiu, é que tento dar ouvidos ao que ela nunca me disse. (MENEZES, 2015, p. 40),

Meus sentimentos se foram. A solidão me faz companhia sem abrir a boca. Tou só, e não é de hoje. (p.212)

O teto são flores, um borrão florido, o resto é negro, minha pele não arde mais, só o negro ao redor desmanchando o tudo que construí, memórias, fatos e ações, me sinto só e é isso que devia ser, não é?, não vou embora na efervescência como eu queria, o que tenho em mim é solidão... nem sei se você ainda tá aqui me escutando. (MENEZES, 2015, p. 212).

A solidão é uma característica explícita na fala de Laura, que deseja conselhos de sua avó mesmo que seja para repreensões. As passagens do romance destacadas demonstram como a personagem estava sem ânimo, como a solidão causou nela um total estado de depressão, melancolia, desânimo. “Um surdo anuncia solitário os últimos segundos de um samba triste, um quase silêncio, um quase silêncio, embebida nessa vazia que nunca tive”. (MENEZES, 2015, p. 213).

Nesse romance pode-se identificar o caráter de modernidade ao tratar de uma problemática pertinente na sociedade contemporânea. Laura em um determinado momento faz relação à sua situação como um "desespero agradável", quer dizer que ela já se acostumou com a condição de uma mulher solitária, “Não queria ter saído desse estado de múmia viva, não é tão ruim. Me sinto uma idiota por aproveitar os últimos momentos escrevendo pra você, como se você fosse ler”. (MENEZES, 2015, p.72).

A temática da solidão, tão presente na literatura contemporânea, é construída no romance em estudo, através da relação de Laura com sua mãe que interferiu na sua maneira de enfrentar o mundo a sua volta, a busca incessante por respostas, por suprir a lacuna do abandono materno, faz com que ela não consiga desenvolver laços sólidos com outras pessoas. O que traz como consequência suas angústias.

Você sempre foi um membro fantasma que, apesar de eu não lembrar que existiu, se fez presente por meu cérebro achar ser real. Então Lucy, cometi o pecado capital de procurar por esse membro. Morta e enterrada não era uma boa resposta. Precisava de cara, de cor, e principalmente, minha mãe, precisava saber o motivo. (MENEZES 2015, p.125).

A infância marcada pelo abandono e ausência de afeto deixa marcas profundas na protagonista. O impacto dessa conjuntura na qual prevalece a opressão e a ausência torna-se evidente na forma como as relações entre mãe e filha se constroem na mente de Laura. Percebemos que como uma maneira de se aproximar de sua mãe, a protagonista começa a escrever para ela, mesmo sabendo que sua carta nunca será lida. A escrita passa a ser então, uma espécie de companhia e libertação.

### **3. (RE) INVENÇÃO DE SI E DO OUTRO: MEMÓRIAS, ESCRITA DE SI E CRISE DE IDENTIDADE EM *JULHO É UM BOM MÊS PARA MORRER***

Quando falamos sobre um conjunto de saberes na escrita, ou qualquer outra ação do indivíduo, estamos nos referindo a um sujeito que se constitui no próprio processo discursivo e que se subjetiva e (des)constrói memórias, em que “sujeito, subjetividade e memória interligados na prática pedagógica, são constitutivos de práticas políticas, que produzem conhecimentos, efeitos e memórias” (SCHONS, 2008,408). Dessa maneira, percebemos no romance em estudo, o fato de que a construção da memória compartilhada a partir da escrita de si, está intrínseca na fala de Laura, como pode ser observada: “Lucy, o que foram minhas madrugadas acordada senão assaltos na mente buscando fragmentos mínimos de memória, algo para somar nas peças sem encaixe espalhadas pelos cômodos? Se tive sucesso? Quase sempre não”. (MENEZES, 2015, p.25).

Percebemos aqui, que a protagonista busca através de suas lembranças explicações para as ausências vividas por ela. Freud (1899), no texto “Lembranças encobridas”, diz que duas forças estão envolvidas no processamento dessas lembranças. Uma dessas forças baseia-se na importância da experiência como motivo para procurar lembrá-la, enquanto a outra força, a resistência, tenta impedir que essa preferência seja mostrada.

Em grande quantidade de lembranças infantis de experiências importantes haverá algumas cenas que quando atestadas revelam ter sido falsificadas. Não que sejam completas invenções; são falsas na medida em que transferem um evento para um lugar que não ocorreu, fundem duas pessoas em uma ou a substituem por outra, ou em cenas como um todo parecem ser combinações de experiências separadas (FREUD, 1899: p.89).

De acordo com a citação acima, a personagem já mencionada, provavelmente cria situações em que o leitor não consegue discernir o que foi vivido por ela e o que é ficção criada em sua mente, para Brait (1985), “o conceito de verossimilhança interna de uma obra, é muito mais importante que imitação do real, mal-entendido que marcou uma longa tradição crítica e que até hoje assombra os estudos da personagem”. Dessa maneira, percebemos que Laura, ao expor suas experiências vividas e imaginadas aborda basicamente duas vertentes da fantasia: 1) realização de desejo e fonte de prazer; 2) fuga da dor e a defesa ao desprazer.

Em meio à tamanha luta, não é de se estranhar que personagens, narradores, e mesmo autores, lancem mão de qualquer recurso disponível para lhes garantir a legitimidade da fala. Como afirma Dalcastagnè (2001):

Se as personagens, presas entre quatro paredes, numa espécie de interrogatório kafkiano, não têm lembranças, não têm passado, é porque são apenas as criaturas de um outro, extraídas do nada da página em branco. Sendo assim, o único instrumento que possuem para se impor é a palavra sobre si. (DALCASTAGNÈ, 2001, p.122).

Para Candido et.al (1964, p 11), “o termo “verdade”, quando usado em referência a obras de arte ou de ficção, tem significado diverso. Designa com frequência qualquer coisa como a genuinidade, sinceridade ou autenticidade.” Na obra em estudo, percebemos uma representação profunda da realidade humana. O autor supracitado ainda acrescenta que “esta intensa “aparência” de realidade é que revela a intenção ficcional ou mimética. Graças ao vigor dos detalhes, à “veracidade” de dados insignificantes, à coerência interna, à lógica das motivações, à causalidade dos eventos etc.”

Ainda sobre a legitimidade da fala, Castello Branco (1991) declara que essa escrita pode não estar necessariamente ligada ao passado, “mas quem sabe, também guiada por um

‘desejo de futuro’ e, quem sabe, também composta de lacunas, silêncio, rasuras, esquecimentos, talvez essa escrita se aproxime muito mais da ficção do que comumente se costuma admitir.” (BRANCO, 1991, p. 30 e 33).

Castello Branco (1991), ainda acrescenta que se analisarmos esse texto de memória perceberemos o quanto ele revelará seus próprios limites “mostrando o quanto de vazio (de esquecimento) há nesse passado que se procura resgatar, o quanto de invenção (de ficção) há nessa rememoração do vivido, o quanto de desconstrução (de futuro) há nesse projeto de retorno ao antes.” Isso se deve ao fato de que, de acordo com a autora, a memória não possui um processo linear de recuperação do passado, como se costuma defender. Lúcia afirma que mesmo com essa característica de texto de memória, existem “textos e textos”, há diferentes caminhos que podem ser seguidos pelos escritores para chegar aos seus objetivos e disfarçar os vazios, ou fazer desses vazios o combustível de produção de sentidos dessa narrativa.

Laura vivencia o que podemos chamar de crise de identidade. Na modernidade líquida, conforme destaca Bauman (2005), qualquer busca por uma identidade estável dentro de uma comunidade segura é impossível. Tal condição é resultado da velocidade das transformações, dos excessos de deslocamentos, das fragilidades dos laços humanos, da descartabilidade das relações sociais e dos estilos de vida que são vendidos e consumidos vorazmente, gerando uma perda de sentido de si estável, chamada, algumas vezes, de duplo deslocamento ou descentração do sujeito. (Hall, 2006, p. 9).

Segundo Hall (2006), há três diferentes concepções de identidade que se relacionam às visões de sujeito ao longo da história.

A primeira é denominada identidade do sujeito do Iluminismo, que expressa uma visão individualista de sujeito, caracterizado pela centração e unificação, em que prevalece a capacidade de razão e de consciência.

Já a segunda, a identidade do sujeito sociológico, considera a complexidade do mundo moderno e reconhece que esse núcleo interior do sujeito é constituído na relação com outras pessoas, cujo papel é de mediação da cultura. Nessa visão, que se transformou na concepção clássica de sujeito na Sociologia, o sujeito se constitui na interação com a sociedade, em um diálogo contínuo com os mundos interno e externo.

Por último, apresenta a concepção de identidade do sujeito pós-moderno, que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas formada e transformada continuamente, sofrendo a influência das formas como é representado ou interpretado nos e pelos diferentes sistemas culturais de que toma parte.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos perceber que a obra em estudo é bastante intimista e difícil nos é definir o que seja uma escrita intimista, já que a palavra intimista tem sentidos bastante amplos. Na literatura, o romance intimista analisa o interior das personagens, apresentando seus sofrimentos e traumas psicológicos, sociais etc. É um processo de autoconhecimento e de escrita que permite uma exploração do eu: há uma preocupação com o seu eu no mundo.

Na obra escolhida constatamos também o fluxo psicológico de memórias antigas. A personagem apresenta-se totalmente imersa no mundo das lembranças. Como afirma Castello Branco (1991): “Acontece que há perdas irre recuperáveis. E é exatamente em face desse vazio irremediável, dessa rasura definitiva que a memória vai operar em sua extrema habilidade, construindo, em lugar do que já não há (e às vezes do que nunca houve) um enredo, uma história, um texto.”

Laura, a protagonista que foi abandonada por sua mãe, procura respostas que justifiquem tal ato. Muitas pessoas têm dificuldade de enfrentar suas perdas e frustrações e é isso que percebemos nos leitores dos romances atuais, a busca por personagens que vivenciem as mesmas frustrações, e não por um personagem herói, de romances tradicionais, essa característica está presente na escrita da contemporaneidade que é um espelho da sociedade de seu tempo, marcada pelos “malogros”, como aponta (DALCASTAGNÈ, 2001, p.114).

Além disso, outro aspecto recorrente na escrita contemporânea é a presença da solidão, dos fluxos de memória. Laura, a personagem protagonista, a todo momento busca através da carta que se dirige especialmente a sua mãe Lucy, encontrar explicações para a ausência que vivencia desde a infância. Essa solidão abre espaço para a introspecção, como acrescenta Araújo (2009): “Talvez a mais cruel de todas elas seja o fato da solidão forçar o indivíduo a uma autoavaliação emocional e afetiva e quase sempre a nota subjetiva é muito baixa.” E indicia também a crise de identidade vivenciada pela personagem-narradora.

Nesse contexto, Hall (2006) assinala que assim se instala uma crise de identidade, uma vez que o que antes estava centrado e estável, não o está mais; isso gera um sujeito fragmentado. Esse seria o sujeito pós-moderno: não possuindo uma identidade essencial ou permanente. Dessa maneira, a identidade torna-se uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

## ABSTRACT

The research aimed to analyze the novel *July is a good month to die* (2015), by Roberto Menezes da Silva. We intend to discuss, based on the narrative report of the character-narrator, the process of (re) invention of oneself and the other, necessary for the identity construction of the character. With the study, we sought to answer the question: what are the aesthetic and thematic aspects present in Laura's narrative, written in complete delirium and directed initially to her mother, Lucy, who abandoned her still small, (re) velvet features of the contemporary romanesque character? Based on Hall (2014), BAUMAN (2005), CULLER (1999), DALCASTAGNÈ (2001, 2008, 2011), PELLEGRINI (1999), SCHOLLHAMMER (2009), among others, deal with the characteristics of contemporary narrative, in the figure of the character

**KEY WORDS:** *July is a good month to die*, Roberto Menezes da Silva, contemporary character.

## 5. REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Antonio Carlos Alves de. **Solidão**. 2009. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/analise-literaria-da-solidao-limites-possibilidades/58328>
- BAUMAN, Zygmunt, **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BRAIT, Beth. **A personagem** – São Paulo. Ática, 1985.
- CANDIDO, Antônio. et.al. **A personagem de ficção**. 2ªed. São Paulo: Editora Perspectiva. 1964
- CULLER, Jonathan. **Teoria literária**: uma introdução. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo; Beca, 1999.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil: incertezas e ambigüidades do discurso**. *Diálogos Latinoamericanos*, 2001 no. 3 p. 114-130.
- FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: \_\_\_\_\_. O que é um autor. Lisboa: Vega, 1992, p. 129-160.
- Freud, S. (1899/1996). **Lembranças encobridoras**. In: Obras Psicológicas de Sigmund Freud. (Vol. 3, pp. 285-306). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1950).

GALVÃO, Walnice Nogueira, GOTLIB, Nádía Battella. **Prezado senhor, prezada senhora: estudo sobre cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 200.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KLINGER, Diana. A escrita de si: o retorno do autor. In: KLINGER, Diana (*et al*) **escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007. P. 19-63.

MORAES, Marcos Antonio de. **Epistolografia e crítica genética**. Ciência e Cultura (SBPC), São Paulo, v. 59, n. 1, p. 30-32, jan.-mar. 2007.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

RAMOS, **Literatura contemporânea com(o) disciplina**. Ensaio apresentado no XVII Encontro da ANPOLL, em Gramado, RS, julho de 2002. Disponível em: [www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article](http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article)

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos**: expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

RODRIGUES, Rosângela. **Mulheres e amores em ficções de autoria feminina**. Campina Grande: EDUFCG, 2016.

SCHOLLHAMMER, Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCHONS, Carme R; GRIGOLETTO, Evandra. **A escrita de si, memória e alteridade: uma análise em contraponto**. Anais da 1ª Jornada Internacional de Estudos do Discurso. Pp. 407-418. 2008

XAVIER, Elódia. **A casa na ficção de autoria feminina**. Florianópolis: Mulheres, 2012